

Bolsonaro mente sobre urnas a estrangeiros; Fachin pede basta

Bolsonaro faz novas ameaças golpistas e repete mentiras em fala a embaixadores

Continuação da pág. A4

O presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), criticou as declarações de Bolsonaro contestam a lisura do processo eleitoral, enquanto o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), aliado do mandatário, silenciou.

Em nota, Pacheco defendeu o contraditório em uma democracia, mas ressaltou haver "questões superadas, inclusive já assimiladas pela sociedade brasileira, que não mais admitem discussão".

Advogados da pré-campanha do ex presidente Lula estudam entrar com ações contra Bolsonaro no TSE e no STF. Na avaliação deles, o presidente cometeu sete crimes: abuso de poder político; abuso de autoridade; propaganda eleitoral antecipada a favor dele; propaganda antecipada contra o PT; uso ilegal da TV Brasil; reiteração de ataques contra o Judiciário; e reiteração de ameaças ao processo eleitoral e à democracia.

Nas redes sociais, Lula afirmou que "é uma pena que o Brasil não tenha um presidente que chame os embaixadores para falar sobre algo que interesse o país". "Emprego, desenvolvimento ou combate a fome, por exemplo. Ao invés disso, conta mentiras contra nossa democracia".

Ciro Gomes (PDT), terceiro colocado nas pesquisas, afirmou que, depois "do horrendo espetáculo promovido, hoje, por Bolsonaro, ele não pode ser mais presidente".

Simone Tebet (MDB), por sua vez, disse que "já passou dos limites a coleção de ataques à democracia que o presidente da República acumula".

Outros pré-candidatos à Presidência, como André Janones (Avante), Felipe D'Avila (Novo) e Sofia Manzano (PCB), também condenaram as falas de Bolsonaro. César Feitoza, Fábio Serapião, Mariana Holanda, Mastru Teixeira e Ricardo Della Coletta

Embaixadores veem 'tática trumpista' em evento do presidente

Embaixadores estrangeiros ouvidos pela Folha definiram a apresentação do presidente Jair Bolsonaro como uma "tática trumpista" para desviar o foco ou mesmo para preparar o terreno para o questionamento das eleições. O termo é uma referência ao ex presidente dos EUA Donald Trump, admirado por Bolsonaro. Derrotado por Joe Biden, Trump insinuou teorias conspiratórias de que o pleito foi fraudado e foi peça central no episódio que resultou na invasão do Congresso americano, no início do ano passado.

Também destacaram que, embora a audiência fosse a comunidade diplomática, a mensagem transmitida por Bolsonaro era voltada para seus eleitores mais radicais, que puderam acompanhar o evento pelas redes sociais. Outro ponto que chamou atenção foi o amadorismo da apresentação de PowerPoint. Além de ser personalista, repleta de fotos do presidente, havia erros, como a palavra "briefing" escrita com um "n" a mais ("briefing").

Após a palestra, a Folha conversou com diplomatas estrangeiros que estiveram no Palácio da Alvorada. Eles falaram sobre a convocação do STF. Parte do grupo considera os questionamentos levantados por Bolsonaro bem fundamentados e saiu do Alvorada com suas dúvidas contra as urnas eletrônicas reforçadas.



Jair Bolsonaro (PL) faz apresentação sobre eleições a embaixadores estrangeiros (Clauber Cleber Castano/Divulgação Presidência)

Tentativa de tapear estrangeiros expõe fragilidade de Bolsonaro

Bobagens e mentiras só resistem na ingenuidade da cabeça dos fanáticos

ANÁLISE

Ranier Bragion

BRASÍLIA O mais novo espetáculo patrocinado no Palácio da Alvorada nesta segunda (18) representa uma manifestação clara de que nem mesmo Jair Bolsonaro (PL) parece apostar que a PEC dos benefícios sociais — espécie de última cartada eleitoral em paralelo à escalada do discurso golpista — será suficiente para lhe dar condições de obter mais quatro anos de governo. Diferente fosse, muito possivelmente o candidato à reeleição se prestaria a outras tarefas que não a de reunir algumas dezenas de embaixadores estrangeiros à sua frente para repetir, dessa vez em uma aparentemente ensaiada fala mansa, o amontoado de bobagens e mentiras que costuma dizer geralmente aos gritos.

Ninguém que esteja com boas perspectivas de conseguir se manter no poder investe assim em tentar bagunçar o coreto.

As que tudo indica, Bolsonaro conduz um plano cujo objetivo é repetir em 2022 o 7 de Setembro pré-apocalíptico que ele e fanáticos do promovem no ano passado.

Para isso, conta com a complicitade interessada que o centro lhe proporcionou desde 2019, o apoio de uma comunidade internacional es-

tá incluída nessa categoria — consegue confirmar que, sim, é mentira que muitas pessoas que queriam votar no 17 (o número dele) em 2018 foram obrigadas a confirmar o 13 (o do petista Fernando Haddad).

O TSE já demonstrou várias vezes que o problema apontado nos intrigantes vídeos ocorreu por causa de um erro cometido pelos eleitores que gravaram as imagens, não por causa da urna. Eles usaram o número de Bolsonaro para votar para governador, num estado em que o partido de Bolsonaro não tinha candidato, antes de votar para presidente.

Qualquer um também que esteja momentaneamente carente de senso lógico por si só, consegue checar com um ou dois cliques que também é mentira que inquirido da Polícia Federal tenha mostrado que hackers têm o poder de "alterar nome de candidatos, tirar voto de um e mandar para outro" durante as eleições.

E também que é mentira que observadores internacionais que acompanham as eleições não podem analisar a integridade do sistema, porque não há voto impresso.

E também que é mentira que tantas bobagens já desmontadas e desmentidas pelo TSE, por especialistas, por reportagens ou pelo simples bom senso.

O que restou de saldo do es-

petáculo bolsonarista desta segunda é nada mais do que mais um vexame internacional.

Assim como o plano para ganhar corações e mentes no estrangeiro, as outras estratégias pró-golpistas encontram aqui no Brasil amparo somente em franjas radicalizadas e desprovidas de um mínimo de lucidez ou caráter. Ou dos dois em determinados casos.

Só loucos se baseariam nessas falcatruas para tentar uma ruptura institucional, ou em palavras mais diretas, um golpe de Estado. Mais loucos ainda acreditariam que, uma vez tentada, essa ruptura se manteria de pé.

Mesmo para quem indica não ver limites à sua frente, é preciso haver sustentação robusta, caso contrário o roubo não passará de baderna. O que não tira a gravidade da situação, vide a invasão do Capitólio provocada pelo trumpismo.

O espetáculo de vergonha alheia a que se prestou Bolsonaro nesta segunda, por fim, mostra que ele e muitos dos seus aliados parecem não se intimidar. O show do Bolsonaro fala mansa mostra que infelizmente ele segue — a despeito de qualquer lógica ou senso do ridículo — tentando fazer aqui o que o idolo Donald Trump não conseguiu fazer lá.

Saiba qual é o caminho do voto e o que garante a segurança da urna eletrônica

O que acontece com as urnas eletrônicas até a eleição?

- Para garantir a segurança do processo eleitoral, as urnas passam por procedimentos de fiscalização e auditoria
- Desde 4 de outubro de 2021, os códigos-fonte das urnas podem ser inspecionados por representantes técnicos dos partidos políticos, do Ministério Público, da Ordem dos Advogados do Brasil, das Forças Armadas, da Polícia Federal e de universidades, além de outras instituições. Todas as entidades poderão inspecionar os sistemas até agosto de 2022, quando ocorre a cerimônia em que os sistemas são assinados digitalmente e lacrados
- O TSE realizou em novembro, pela sexta vez, o PIS (Teste Público de Segurança), que reúne hackers e especialistas inscritos que tentam atacar as urnas e o código-fonte com o objetivo de identificar vulnerabilidades que possam ser corrigidas
- Os módulos de sorteio e votação, usados para dar apoio à auditoria de

funcionamento das urnas no dia do pleito e em condições normais de uso também foram testados, assim como os verificadores pré e pós-eleição e de integridade e autenticidade de sistemas eleitorais

Quais procedimentos são realizados antes da votação?

- Uma hora antes do início da votação, é feita a verificação dos materiais e da urna e se os fiscais dos partidos e coligações estão presentes. Depois disso, os integrantes da mesa receptiva — o presidente da seção eleitoral e mesários — ligam as urnas e verificam se os dados do local de votação estão corretos. Outra medida de segurança é que a urna não está ligada à internet
- Feito isso, diante de mesários e fiscais, o presidente da seção

imprime a zerésima, um extrato que comprova que não há voto na urna

Como a urna é testada ao longo da votação?

- Paralelamente ao pleito é feito o chamado Teste de Integridade. Urnas sorteadas na véspera são retiradas da seção eleitoral e instaladas nos TREs (Tribunais Regionais Eleitorais)
- No mesmo horário em que acontece a votação, em um processo monitorado por câmeras, auditores e fiscais de partidos, os participantes registram os votos em cédulas e depositam em urnas de lona lacradas. Após a impressão da zerésima na urna eletrônica, os mesmos votos são digitados na urna. Ao final, os resultados são comparados
- Quando o eleitor confirma o voto, as informações são gravadas no arquivo de RDV (Registro Digital do Voto), de forma não sequencial, garantindo o anonimato
- Esse arquivo fica em

O que acontece depois que a votação termina?

- Os votos registrados na urna são computados e é gerado o Boletim de Urna, que é assinado digitalmente e criptografado antes de ser impresso. Esse documento é um extrato dos votos registrados no equipamento
- O Boletim é impresso obrigatoriamente em cinco vias, assinadas pelo presidente da seção e por fiscais
- Esse relatório permite a qualquer cidadão verificar quantos votos foram obtidos por cada candidato e comparar com o que foi divulgado pela Justiça Eleitoral

duas memórias da urna eletrônica, uma interna e outra externa, que podem ser removidas se o equipamento apresentar falhas

Já houve fraude nas urnas?

- Desde que as urnas eletrônicas passaram a ser usadas não há evidências de que tenham ocorrido fraudes em eleições

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 6